

VISÃO DO CORREIO

Negacionismo conduz riscos à saúde pública

Criado pelo produtor de televisão canadense R. Scott Gemmill, a série *The Pitt*, exibida na Max, é uma das sensações do streaming em 2025. A produção se volta a um único dia em um hospital de pronto-socorro de Pittsburgh, na Pensilvânia. Dentro do equipamento de saúde, diversas nuances são problematizadas com foco nos desafios profissionais, humanos, morais e éticos enfrentados pelos trabalhadores da saúde.

Em um dos episódios, a equipe coordenada pelo doutor Michael Robby se depara com uma família desesperada para descobrir a doença do filho. Após uma anamnese bastante desafiadora, o chamado diagnóstico por exclusão conclui que o pré-adolescente está com sarampo — doença controlada na maior parte dos países, inclusive no Brasil, graças à vacina tetraviral, que também protege contra a rubéola, a caxumba e a varicela.

A reação da equipe de Robby em *"The Pitt"* é automática: questionar os pais sobre os motivos da não vacinação do filho e ressaltar que o imunizante existe e é aplicado sem custos, mesmo em um país com um sistema de saúde pública de alto custo, como os Estados Unidos.

A partir dali, o que se vê no desenrolar do caso é uma mãe resistente ao tratamento médico por conta de informações falsas compartilhadas nas redes sociais. A resposta só é permitida com anuência do pai, que aproveita um momento de distração da progenitora para autorizar o combate à doença, que, só em 2025, infectou cerca de 1 mil pessoas nos EUA.

A negação à vacinação infantil é um problema mundial e com reflexos no Brasil, como mostrou o Anuário Vacina BR, dissecado pelo Estado de Minas

em matéria publicada na semana passada. No caso de Minas Gerais, as coberturas vacinais vêm caindo desde 2015, com quedas acentuadas a partir da pandemia de covid-19. A dificuldade é ainda mais crescente quando se olha para a adesão aos esquemas completos, ou seja, as imunizações que precisam de doses de reforço.

A publicação é resultado do cruzamento de dados públicos sobre vacinação com registros populacionais e de nascidos vivos e cobre o período de 2000 a 2023. De acordo com o estudo, a tríplice viral, que protege contra o sarampo e outras viroses, só teve sua meta de cobertura de 95% alcançada em quatro estados para a primeira dose. No entanto, nenhum deles conseguiu ultrapassar 80% de cobertura para o esquema completo, e 14 unidades federativas ficaram abaixo de 50%.

Os dados ligam o alerta para um problema social de profundos reflexos para a saúde pública brasileira. Se a pandemia mostrou que as vacinas salvam vidas, a mudança desse cenário depende, principalmente, das famílias brasileiras, ainda que o poder público tenha que cumprir seu papel com a oferta de imunizantes de maneira descentralizada e com a elaboração de campanhas de conscientização. São os pais os principais responsáveis por essa proteção das crianças.

O combate ao negacionismo é o maior desafio nesse panorama. É necessário monitoramento contínuo das informações fraudulentas que circulam nas redes sociais, a partir de um protocolo de resposta assertivo e ágil. Iniciativas como a oferta da imunização nas escolas são bem-vindas, mas é por meio da comunicação governamental que esse retrocesso precisa ser freado.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Embaixador

O novo embaixador brasileiro no Irã, André Veras Guimarães, deverá assumir o posto muito brevemente. Seu nome foi aprovado pelo Senado no fim de maio. Consta que será sua primeira missão no Exterior como embaixador e alcançou o posto de ministro de segunda classe em 2016. Apesar da indiscutível excelência da diplomacia brasileira e considerando as graves circunstâncias que envolvem o Irã, não seria o caso de, por prudência, rever essa designação, optando por um diplomata experiente e tarimbado nessas questões?

» **Milton Córdova Junior**
Vicente Pires

Ore pela Paz

Expresso toda a minha solidariedade aos israelenses diante dos ataques sofridos, os quais foram promovidos pelo grupo terrorista do Irã. Vamos unir nossas preces por Israel neste momento desafiador. A região enfrenta ataques terroristas, perdas de vidas e mísseis atingindo cidades. Oremos juntos pela paz! Ore pela paz em Jerusalém e para todos os seus habitantes, judeus, árabes e de tantas nações inclusive brasileiros que ali estão no Oriente Médio. Paz para Israel, a Terra Santa! Que a paz reine e prevaleça entre os povos. Sempre em oração pela paz mundial.

» **José R. Pinheiro Filho**
Asa Norte

Estupidez

O que justifica o avanço das guerras no planeta a não ser a estupidez humana sem limites? Enquanto muitas pessoas em todos os continentes estão preocupadas com as mudanças climáticas que, se forem contidas, podem terminar a vida no planeta, há insanos que optaram por antecipar essa tragédia, matando-se uns aos outros. Os orgulhosos líderes acham que eliminando seus concorrentes

poderão ter domínio pleno de todo o planeta. Quanta burrice. Se fizermos uma avaliação do nosso tamanho, somos menos do que um grão de areia diante do planeta e do universo. Esquecemos que somos mortais, como qualquer animal. A natureza se encarrega de levar todos, sem distinção, ao fim da vida. Não é preciso equipamentos bélicos ou quaisquer outros métodos de acabar com a vida do outro. O poder político, religioso, a riqueza, as condições de vida... Nada, mas absolutamente nada, detém a senhora Morte. Ela, sim, tem o poder de definir quanto tempo permaneceremos desfrutando da vida terrena, ou não. No entanto, há iludidos que se acham superiores. Oh! Deus inspire-nos a ter uma visão real do nosso papel neste planeta, menor do que um grão de areia na imensidão do universo. Guerra é burrice. É maldade que impede desfrutarmos deste mundo, cheio de beleza, que se tornaria mais belo se não houvesse a violência imbecil que ocupa e impede que a humanidade pudesse desfrutar as suas benesses.

» **Herondina Soares**
Asa Norte

Trilha do vulcão

A brasileira Juliana Marins, 26 anos, que caiu na trilha do vulcão Rinjani, na Indonésia, foi encontrada morta. Um desfecho indesejado e lamentável, mas esperado, uma vez que faltou uma eficiente equipe de socorro naquele país. Diferentemente do Brasil, com todas as suas deficiências, isso não ocorreria, pois temos um Corpo de Bombeiros de nível excelente e que atua muito bem em casos de acidentes envolvendo uma ou mais pessoas. Embora não se saiba se a jovem morreu na queda ou por falta de assistência no tempo adequado. Resta-nos lamentar e rezar para que Deus amenize as dores da perda da família de Juliana.

» **Paula Vicente**
Lago Sul

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Trump, o dono do mundo, anuncia o cessar-fogo.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

A deputada Erika Hilton contratou dois profissionais. Bem pior são os que usam Pix para prefeituras, sem indicar destino do dinheiro público e sabe-se lá em qual bolso foi parar.

Adalberto Miranda — Noroeste

Se fossem nossos bombeiros, a jovem que morreu na Indonésia teria sido salva em horas. Nossos bombeiros são muito capazes... Anjos guardiões mesmo!

Edina Lamounier — Brasília

O governo da Indonésia tem uma parcela de responsabilidade na morte da jovem Juliana Marins. Até onde se sabe, sequer tentaram resgatá-la.

Neuza Cruz — Lago Norte

Para grande parte dos adultos, câncer é a pena de morte aplicada lentamente. Em uma criança, não há como descrever. Ainda há crianças e adultos que zombam dos pequeninos que padecem com essa doença. Isso é comportamento inominável.

Zuleide Fonseca — Noroeste

Uma mulher é sequestrada e roubada na Asa Norte, durante o dia. Como se vê, a segurança pública tem problemas ou é algo imaginário da capital da República.

Aloízio Vieira — Asa Norte



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigo.craveiro@gmail.com

Sem vencedores

Em uma guerra somente há perdedores. O conflito no Oriente Médio é um exemplo. Ainda que tenham, teoricamente, destruído o programa nuclear iraniano, os EUA ficaram de mãos atadas após o bombardeio do Irã à base americana de Al Udeid, no Catar. O presidente Donald Trump viu-se acuado ante as ameaças de Teerã de fechamento do Estreito de Ormuz, via marítima estratégica entre o Golfo Pérsico e o Mar da Arábia, responsável pelo escoamento de 30% da produção de petróleo no mundo. Tudo o que Trump menos deseja é o agravamento da crise econômica, no momento em que analistas preveem recessão.

No sábado, o republicano havia prometido uma resposta "devastadora", caso o Irã retaliasse os ataques contra as instalações nucleares de Natanz, Isfahan e Fordow — esta última a espinha dorsal do programa nuclear iraniano. A retaliação, calculada, veio por parte de Teerã. Em vez de amplificar o conflito e brandir armas, Trump viu-se forçado a estender um ramo de oliveira.

Ao longo de 12 dias, até o anúncio do cessar-fogo, o Irã foi desmoralizado várias vezes. Primeiro, com uma ofensiva ousada de Israel, que envolveu uma operação arriscada do Mossad, o serviço secreto do país. Agentes plantaram drones no coração de Teerã e assassinaram cientistas nucleares e comandantes militares. Depois, Israel lançou mísseis contra centros de enriquecimento de urânio.

O golpe de misericórdia foi dado pelos

EUA com as bombas antibunker jogadas sobre Fordow. As forças israelenses degradaram a capacidade do Irã de disparar mísseis a partir de plataformas de lançamento; depois, bombardearam alvos simbólicos da repressão do regime dos aiatolás, como a Guarda Revolucionária, a milícia Basij e a Prisão de Evin — centro de tortura.

Israel amargou 29 mortos e ficou refém das sirenes antiaéreas. A população foi obrigada a buscar proteção nos bunkers. A vida parou. O mito da quase invencibilidade do escudo de defesa antiaérea caiu por terra. As imagens de prédios em ruínas em Tel Aviv, Haifa, Beersheba e outras cidades expuseram a vulnerabilidade do Estado israelense. O premiê Benjamin Netanyahu não conseguiu derrubar o regime teocrático islâmico. Quanto ao programa nuclear, tudo é incógnita. Dias antes do bombardeio a Fordow, uma fila de caminhões foi vista deixando a usina nuclear, provavelmente com o urânio enriquecido.

Ao sinal de violação do cessar-fogo, um furioso Trump repreendeu Netanyahu. Sem pudor, o americano capitalizou politicamente o suposto fim da guerra. Ante o barulho das armas, endureceu o tom em relação a Israel. O cessar-fogo de Trump parece tão frágil quanto o próprio ego. Não há indício real de paz entre Israel e Irã. Enquanto isso, segue a matança em Gaza. Por que Trump não exige de Israel o fim da barbárie? Talvez por não existir dinheiro em jogo.

CORREIO BRAZILIENSE

*"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegará"*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em emprebo terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.uuudapress.com.br